



Centro Universitário

A LITERATURA AFRICANA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS

Edno Souza João¹
Soraya do Lago Albuquerque²
Alba Valéria Alves Ignácio³

Resumo: Este trabalho de conclusão de curso visa analisar como a literatura africana de língua portuguesa se apresenta nos livros didáticos que são distribuídos pelo governo para serem usados no Ensino Médio nas escolas estaduais de Várzea Grande, no estado de Mato Grosso. Para realizar o estudo proposto recorreremos a análise bibliográfica e documental sobre os livros didáticos a fim de delinear como estão distribuídos os conteúdos e de que forma eles foram inseridos nos livros. Os resultados são apresentados de forma descritiva a fim de fornecermos um parâmetro dos registros que foram feitos.

Palavras-chave: Literatura Africana, livro didático, leitura crítica.

I. INTRODUÇÃO

Este estudo visa analisar como a literatura africana de língua portuguesa se apresenta nos livros didáticos que são distribuídos pelo governo para serem usados no Ensino Médio, nas escolas estaduais de Várzea Grande, no estado de Mato Grosso. Com esta análise, pretendemos demonstrar como essa literatura é visualizada nesses livros didáticos, quais são os autores citados/abordados, bem como quais são os tipos de fragmentos selecionados como amostras desta literatura.

O estudo da Literatura Africana é de grande importância em qualquer nível do saber, seja na educação infantil, na educação básica ou no ensino superior, pois ela faz parte de uma instância que está inserida em nossas vidas, em nosso contexto, que é o nosso próprio existir, advindos de uma colonização de jugo, que tem desde os seus primórdios um olhar exótico voltado para o negro; característica esta comum em países

¹ Aluno do 8º semestre do Curso de Letras do UNIVAG – MT.

² Soraya do Lago Albuquerque, é Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso, graduada em Letras-Ingês/Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso, doutoranda em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do grupo de pesquisa LAALID - Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora.

³ Professora doutora da disciplina TCCII e co-orientadora deste artigo.

colonizados. É preciso que esse olhar seja desfeito, seja desconstruído da identidade do negro e a escola tem papel relevante neste trabalho, uma vez que por meio de textos reflexivos pode promover uma discussão e valorização e a exposição de uma identidade negra, rica e permeada de valores culturais, que não podem e não devem ser deixados sob os meandros da subalternidade e da inferioridade que é o mais comum até mesmo nos dias de hoje. O papel relevante que o negro tem em nossa constituição enquanto nação é inerente a sua inserção em todos os segmentos de nossa vida, sejam eles sociais, religiosos, culturais e históricos, pois não há como negar a inserção de todos esses valores que são advindos das matrizes africanas em nosso meio.

A partir dos apontamentos acima, pretendemos abrir espaço para discussão acerca do ensino da literatura africana de língua portuguesa e sobre seu valor na formação e na promoção de saberes que o aluno possa vir a ter sobre a relevância desta literatura na formação da identidade de seu povo, valorizando, dessa forma, e reforçando a necessidade do trabalho com a literatura africana nas escolas, uma vez que é nesse contexto que podemos socializar e partilhar o maior número de informações sobre qualquer assunto e podemos, também, desconstruir a identidade negra que está posta como sendo marginal, como sendo menor.

II. Livro didático: (in) visibilidade da literatura africana de língua portuguesa

A análise dos livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio que são disponibilizados pelo Governo Federal para uso em escolas estaduais tem como objetivo oferecer uma leitura relevante sobre a forma como este documento sólido traz a presença da literatura do negro. Pretendemos nos debruçar sobre este estudo de forma crítica e objetiva, tentando esmiuçar e comprovar se os fragmentos que estão inseridos nos livros, de fato, podem promover uma visão mais respeitosa e mais justa para com o outro, no caso, o negro.

Cabe ressaltar a importância deste trabalho para despertar nos alunos um interesse maior sobre a história da África e sobre os valores que essa história tem para nossa vida enquanto partícipes constituintes da formação de nossa gente, de nossa cultura, pois esse conhecimento poderá auxiliar os professores a construir melhor suas concepções em relação ao negro, que ainda, nos dias de hoje, tem sido alvo de inúmeros preconceitos, cada vez mais visualizados no âmbito escolar.

Ainda dentro das escolas há que se ter um cuidado irrestrito ao trabalharmos a literatura africana e tocar em pontos relevantes a esta literatura, como por exemplo, poemas que tratam de delatos, contos que exprimem a própria escravização a qual foi submetida o homem negro, enfim, é preciso ser bem pontual ao se trabalhar com esses conteúdos para evitar que o preconceito e talvez o próprio bullying faça parte dessas discussões. A escritora e pesquisadora Florentina Souza (2006) faz uma ressalva em relação a qualquer tipo de trabalho que envolva como proposta a discussão sobre a identidade do negro e indaga:

Será que a proposta ajudaria a diminuir o preconceito existente desde a sala de aula, ou sairia pela culatra e aumentaria ainda mais a segregação ao destacar a história do povo negro de outros temas curriculares? Há debates a favor e contra essa decisão, com receio de que haja mais preconceitos ao se valorizar a história da África e do povo africano e, por conseguinte, a produção literária de temática africana. (SOUZA, 2006, p. 112).

A importância e o cuidado ao se trabalhar estes conteúdos deve envolver também o preparo das aulas bem como a seleção dos materiais, para que a discussão não fique apenas na superfície e não atenda dessa forma a proposta do governo, que é a de deslocar os negros da condição de subalternidade e inferioridade aferida a eles desde os tempos de colonização. Outro ponto muito importante ressaltado por Parreira diz respeito ainda sobre um aspecto desta identidade que também é recortado e suprimido pela sociedade, que versa sobre as religiões de matrizes africanas. Ela afirma que:

Na África não há apenas uma religião, bem podemos afirmar que os orixás são deuses africanos ou que cultos nagôs ou iorubanos, dos quais sofremos influências, são os principais do Continente Africano. Muitos autores tratam as línguas africanas que vieram para o nosso país como dialetos. Havia de fato, dialetos lá, (a exemplo da nagô quimbundo, umbanda, mandinga). (SOUZA, 2006, p.111)

Ao abordarmos essa questão que envolve a religiosidade, estamos também valorizando a cultura e o povo inserido na mesma e, dessa forma, desconstruindo o olhar estereotipado do homem branco em relação à religião. Os livros didáticos não trabalham estas questões religiosas, o que a nosso ver deixa a desejar, uma vez que ela faz parte dessa cultura e, na verdade, está enraizada na mesma, não podendo de jeito algum ser negada. O discurso literário em sala de aula pode e deve contribuir para esse novo olhar também sobre a religião, uma vez que ela não está separada da história desse

povo. A religião faz parte da cultura deles e como tal deveria também ser abordada nos livros didáticos.

Quando tomamos como mote a questão central do negro, como ele é apresentado nos textos destinados à literatura africana, precisamos ter claro que este tipo de trabalho só é possível por termos, nos dias de hoje, estudiosos que tentam de todas as formas descolonizar essa visão estereotipada e menor, que se tem sobre o negro e sobre a sua cultura, pois a partir do momento que os livros didáticos, documentos oficiais de ensino trazem em seu corpo amostras de literatura africana, podemos reconhecer que essa atitude do governo é também caracterizada pelo reconhecimento de vozes até então apagadas de nossa história e que, por meio de enfrentamentos teóricos e práticos no cotidiano das pessoas envolvidas, no caso o negro, que passou por processos vários de violências institucionalizadas (inclusive pela própria literatura) e não-institucionalizadas, houve a preponderância e hegemonia de um tipo de explicação sobre a realidade que subalternizou todos e tudo que a ele não se enquadrava.

Aqueles considerados subalternos e menores, com o tempo, foram se tornando mais visíveis e audíveis, na busca de autonomia e (re)significação, enquanto sujeitos históricos. Para a estudiosa Regina Zilberman, a visão que ainda se tem sobre o negro é pautada na visão que se tinha sobre ele quando ele, por meio da diáspora, foi trazido para o nosso continente, conforme lemos:

Não acharam um lugar vazio ou povoado de homens bárbaros... na África encontraram povos com ricas e variadas culturas. Muitos eram os estilos de arquitetura utilizada na construção de suas casas e templos da cerâmica em que guardavam seus alimentos ou davam forma a seus deuses, da pintura e da escultura, entre tantos outros elementos. Lá viviam alfaiates, pescadores, ceramistas, músicos, contadores de histórias, apenas para citar alguns dos seus ofícios. (ZILBERMAN, 2008, p. 11).

São todos esses valores que foram deixados de lado e que elevam, sim, a cultura e os traços de cada matriz africana, tão importante quanto às outras.

Nessa perspectiva, a literatura na escola pode e deve desenvolver um trabalho que permita que essa exclusão seja extirpada de suas salas de aula e que a cor deixe de ser um problema e passe a ser uma virtude, carregada de valores próprios, inerentes apenas a ela e que nenhuma outra raça tem.

Sabemos que para um estudo relevante em sala, os docentes também precisam estar preparados para lidar com este assunto, isto implica dizer que o professor que

trabalha com Literatura Africana precisa ter um conhecimento de suas histórias, de suas origens, para melhor desenvolver o assunto em suas aulas. Um ponto de grande importância é que o professor mediador deve estar livre de qualquer espécie de preconceito.

Uma das muitas possibilidades de ser abordada a partir das Literaturas Africanas e Afrodescendentes é a promoção da exclusão das atitudes racistas e preconceituosas que são manifestadas muitas vezes em sala de aula porque a visão que se tem é a de uma África menor, periférica. É preciso que as condições de promoção de outra visão sobre o “continente mãe”, como é conhecido, sejam desencadeadas no contexto da sala de aula, no âmbito escolar como um todo que poderá ser usado como um meio de desconstrução de um discurso hegemônico e patriarcal sob o qual as literaturas africanas estão tão fortemente marcadas.

Em março de 2003, a Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08 – MEC foi sancionada pelo governo federal, alterando desta forma a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e estabelecendo novas diretrizes e bases para a implementação, colocando como obrigatória nas escolas da rede pública o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira; objetivando a desmistificação do papel menor atribuído à África em relação à sua inserção no nosso contexto.

Passamos então a ter o ensino da história da África e dos africanos inseridos nas matrizes escolares da educação básica o que ressaltamos ter sido um grande passo para uma tentativa de desconstruir o lastro de inferioridade e subalternidade sob a qual são alocados os negros, fato este visível nas salas de aulas que permeia até os nossos dias e que sem dúvida alguma são resquícios do jugo do império ainda em tempos de colonização.

A Lei 10.639/03 é de grande relevância para o estudo desta literatura e determina que ao modificar a Lei 9394/96, pelo acréscimo do Artigo 26-A, que coloca como obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica, também apresenta nova normatização sobre os conteúdos a serem trabalhados.

Art. 26-A. nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afro-Brasileira.

2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de literatura e História Brasileira.

A atitude governamental se fez obrigatória e está instaurada enquanto política educacional, porém há muito ainda a se discutir até mesmo sobre a forma como este ensino está sendo feito. Após a promulgação desta lei, tivemos muitas produções de material didático voltados para atender unicamente esta solicitação do governo. Foram preparados livros com a inserção do tema em discussão com o intuito de desconstruir a imagem do exótico sob a qual o negro foi colocado.

Em 2008, o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) distribuiu nas escolas livros que eram voltados para a discussão racial e para o preconceito. Estes livros foram distribuídos em todas as escolas estaduais e municipais dos estados brasileiros. A obrigatoriedade da distribuição de materiais para desenvolver este trabalho tem sido atendida. O que pretendemos mostrar aqui é de que forma esses materiais têm contribuído, de fato, para a valorização do negro.

A lei 10.639/03 desencadeou um processo importante ao tratar das questões que envolvem a população negra brasileira, porém este processo caminha lentamente e temos ainda a necessidade de que esse estudo seja valorizado, especialmente, pela gestão, assim como pela docência de cada escola pública e particular deste município e de todo território nacional.

Dessa forma, os conteúdos disponibilizados nos livros didáticos que foram preparados para atender tal obrigatoriedade na educação podem promover toda uma estrutura de qualidade, portanto cabe agora a cada gestão, trabalhar esse material da melhor maneira possível, pensando unicamente em contribuir para que seus alunos desenvolvam nessa área do conhecimento.

III. Livro didático: uma análise sobre as possibilidades de inserção do negro na esteira das literaturas presentes nos livros

Para elucidar como a Lei 10.639 tem sido trabalhada no âmbito dos livros didáticos, selecionamos três obras de Língua Portuguesa que têm sido distribuídas nas escolas da rede pública e que pertencem a três editoras diferentes. Vale enfatizar que a nossa proposta investigativa em relação aos livros didáticos não tem o teor de crítica destrutiva e nem mesmo de repressão ao que está disponibilizado nos livros. Pretendemos verificar se a forma como está distribuído o conteúdo e o período em que serão trabalhadas as amostras de literatura africana de língua portuguesa é condizente com o que temos como proposta obrigatória apresentada pela instância federal e que não

deve de forma alguma, ser suprimida das salas de aula, uma vez que a discussão deste assunto com os alunos viabiliza uma chance única onde é possível refletir sobre um assunto tão importante e relevante não apenas para o negro, mas para toda a população brasileira.

Chamamos atenção para o fato de que muitos traços presentes em nossa cultura vêm da matriz africana e de toda a sua diversidade cultural, que estão constantemente indo e vindo, sempre presente em nosso meio, em nossa língua, em nossas comemorações, ou seja, ela é parte de nossa história e como tal merece devido respeito.

O historiador emérito da Escola de altos Estudos em Ciências sociais em Paris, Marc Ferro, um dos mais importantes historiadores contemporâneos destaca o fato de que a imagem que fazemos de outros povos, de outras gentes está diretamente ligada à história e a forma como ela é contada para nós, quando ainda somos crianças e que nos marca para o resto de nossas vidas, conforme lemos em “Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da *vida*” (FERRO, p. 45, 1983)

É justamente neste “marcar” que se debruça o peso de nosso trabalho, pois as marcas existem, devem existir, mas de forma real, respeitosa e imparcial.

IV. Analisando os livros: resultados da análise

A. “Novas Palavras” - Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite, Severino Antônio - Editora FTD (2013)

Iniciamos a nossa análise pelo Livro “**Novas Palavras I**” e não encontramos nenhuma menção a nenhum fato que esteja ligado aos costumes ou à cultura africana. A única inferência que encontramos está na página 124 e aponta para o fato de o Brasil ter se tornado um grande empreendedor agrário-comercial usando do trabalho que baseava-se na monocultura escravista. Veja que este é um livro de 1º ano do Ensino Médio e a única menção que encontramos é ainda sob a cortina do desmerecimento, sob a condição da escravização.

No volume II, temos várias referências à literatura afro-brasileira, a começar pela página 54 que traz um fragmento da obra “O navio negreiro” de Castro Alves. Ele demonstra nessa obra as condições subumanas que os escravos eram submetidos nas

embarcações rumo às colônias, usando seus versos para delatar todo o sofrimento durante a travessia do Atlântico Negro.

No Volume III, apenas na página 155 nos deparamos com um texto do escritor Mia Couto, moçambicano que escreve sobre seu povo e sua cultura. O fragmento abordado é do livro Terra Sonâmbula. Se observarmos bem, o único volume da coleção Novas Palavras que faz referência à literatura africana é o volume III o que não é condizente com a solicitação expressa na Lei 10.639.



B. “Vozes do Mundo” – Lília Santos Abreu Tardareli, Lucas Sanches, Maria Tereza Arruda Campos, Salette Toledo - Editora Saraiva (2013)

Passemos agora para a análise do livro “Vozes do Mundo” – Volume I. Esta coleção traz referências sobre o negro que contempla satisfatoriamente os estudos sobre os afro-brasileiros, como por exemplo, na página 23. O escritor Luis Vaz de Camões aparece na capital de Moçambique, quando o país era dominado pelos portugueses.

A língua portuguesa no mundo

A partir do século XV, têm início os grandes descobrimentos, período em que interesses comerciais levaram os portugueses a abrir novos caminhos marítimos para chegar às Índias, à passagem para o Pacífico e à América do Sul.

Portugal conquistou territórios na África e na Ásia. A língua portuguesa se estabeleceu e se fez presente nesses lugares como instrumento de colonização. Ao longo do tempo, recebeu influência das línguas locais, o que resultou nas variedades regionais que existem nos dias de hoje.

A língua portuguesa é atualmente uma das cinco mais faladas no mundo. Convive com dezenas de línguas indígenas no Brasil e também é falada em Portugal. Em cinco nações africanas – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe –, convive com muitas outras línguas. Na Ásia, está presente como língua de grupos minoritários em Macau, Goa e em parte do Timor-Leste.

Países onde se fala português no mundo e número de falantes

Fonte: Instituto Camões. Disponível em: http://www.instituto-camoes.pt/pt/geografia/index.html. Acesso em: 26 Jun, 2011.

Veja que aqui mais uma vez aparece um país africano, porém sob o jugo, ou seja, na subalternidade. Na página 33, “Vós do Sangue” de Agostinho Neto, uma voz que ecoa entre os negros. Nas páginas 88 e 89, encontramos menções de África nas viagens de Vasco da Gama. Na página 162, ainda no Século XVIII, Portugal se mantém das colônias de África. Já na página 215, encontramos um fragmento do discurso de Martin Luther King Jr., que discursa em Washington e fala sobre os direitos civis da população afrodescendente.

Na página 270, reflete sobre a língua portuguesa em várias regiões da África, a partir das colônias portuguesas: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe.

São Tomé e Príncipe

→ Vendedora de frutas no mercado de São São Tomé e Príncipe ao sul do golfo da Guiné, esse arquipélago constitui-se de duas principais, que dão o nome ao país, e duas outras. Embora o português seja atualmente a língua oficial, há ainda três diferentes línguas adotadas nessas ilhas: duas são faladas em São Tomé (forro e santomense) e outra em Príncipe (lunguê).

Texto 15

À no Água Grande

Aida Espírito Santo

À no “Água Grande” a caminho da roça as egritas batem que batem co’a roupa na pedra. Batem e cantam modinhas da terra.

Antam e riem em riso de mofa histórias contadas, arrastadas pelo vento.

Tiem alto de riso, com a roupa na pedra e póem de branco a roupa lavada.

As crianças brincam e a água canta. Brincam na água felizes. Velam no capim um negrito pequenino.

→ Aida Espírito Santo (1926-2010), poeta que colaborou em várias revistas literárias e foi ministra da Educação e Cultura de São Tomé e Príncipe.

Texto 16

Em torno da minha baía

Aida Espírito Santo

Aqui, na areia, Sentada à beira do cais da minha baía do cais simbólico, dos fardos, das malhas e da chuva

Guiné-Bissau

Professora, trata-se de divergências ortográficas do português de Brasil em relação ao português que se usa na África e na Europa. Muitas das diferenças que você certamente fez sobre a pronúncia do Acordo Ortográfico: uniformizar e acertar as palavras. É fundamental que os alunos orientem que não se deseja inibir se conseguir uniformizar a língua portuguesa. O que se pretende é uniformizar a grafia. Antes comenta a exposição estrangeira nacional, que também aparece na literatura brasileira. Durante a primeira fase do Modernismo, essa reação foi radical e a se referia não apenas à influência portuguesa, como no Romantismo, e sim a tudo o que fosse estrangeiro. Mostra ainda a questão da assimilação do poeta pelo universo cultural europeu e a consciência disso.

→ Dança ritual para conquista de esposas, em Guiné-Bissau, 1984. Situado na costa ocidental da África, Guiné-Bissau apresenta mais ou menos trinta etnias, cada qual com sua própria língua. O português é a língua oficial empregada nas instituições administrativas e no ensino.

Texto 14

Ansiedade
Carlos Semedo

Visto fato
de corte moderno
gravata condizente
A camisa
De fibra sintética
assenta impecavelmente
sou peça
sombria
d'uma Europa
patética
Minha África distante...
A saudade faz-me louco
Quer ser esborrachado
Pelas patas
D'um elefante

In ANJEL, Marina Parente. O desafio da escrita: nação, identidades e neo-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Caramuru, 2007, p. 183.

→ Pessoas perto do Palácio Colinas de Boé, edifício que abriga a Assembleia Nacional Popular (representante do poder Legislativo) em Bissau, 2009. Essa cidade é a capital de Guiné-Bissau, país de Carlos Semedo, o primeiro poeta guineense a ter uma obra individual de poemas publicada: *Poemas*, em 1963.

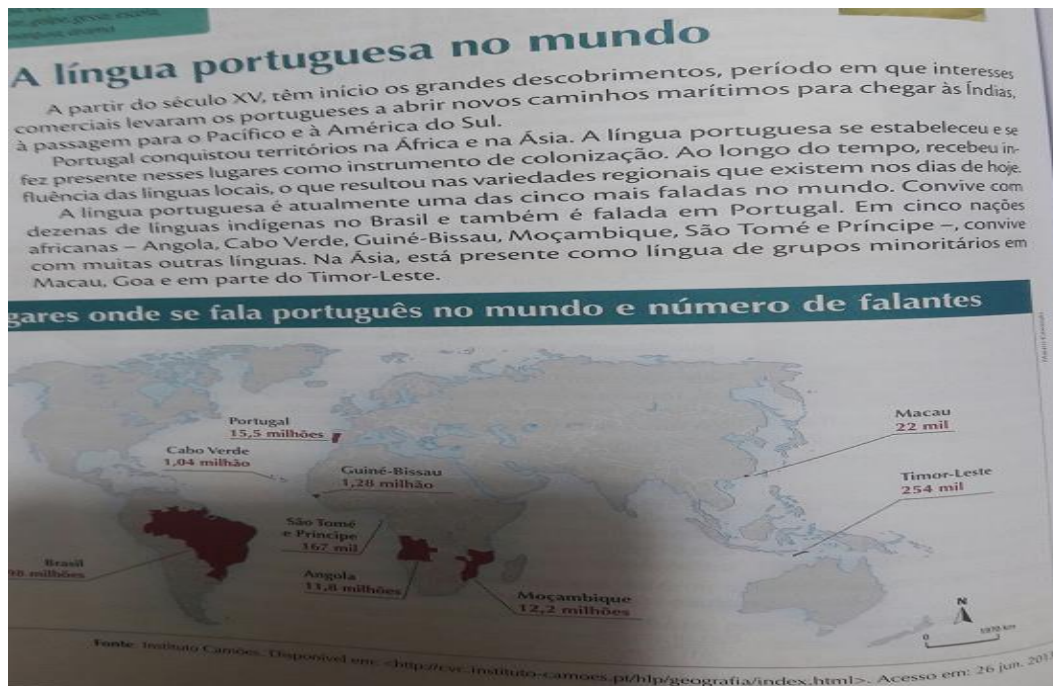
Discurso político – CAPÍTULO 10 34



Página 301, reportagem, dez mil pessoas saem às ruas durante conferência contra o racismo. Em “Vozes do mundo” – Volume II, na página 34 e 35, no Sudeste, uma aristocracia rural conservadora propunha a independência, desde que se mantivesse o trabalho escravo.

A partir do século XIX, começa a ser defendida a abolição da escravidão, promovida por intelectuais escritores que escreviam suas literaturas mencionando seus interesses sociais. Nas páginas 56 e 57, pinturas de DEBRET, Jean Baptist, retratando escravos, servindo em praça, pintura que retrata o fragmento da obra “um sargento de milícia” de Manuel Antônio de Almeida. Nas páginas 87 a 97, a história da escravidão no Brasil, em letras e pinturas. Página 127, com a pressão da comunidade internacional

em meados do século XIX sobre o Brasil, fez com que os tráficos negreiros fossem proibidos e deu força ao processo da abolição da escravidão.



Nas páginas 130 e 140, Aluísio Azevedo, “O Mulato” e na página 173, o pequeno texto, Abolição controversa, fim da escravidão, novas mãos de obra a partir de emigrantes.

“Vozes do Mundo” – Volume III logo na página 19, a temática é a abolição da escravatura, quando a mão de obra escravizada foi substituída pela mão de obra dos imigrantes europeus.

Os negros não mais escravizados foram forçados a estabelecer moradias nos morros e nas periferias, para manter o centro plenamente adequado aos padrões estéticos da Belle Époque. Na página 28, “Negrinha” de Monteiro Lobato apresenta a história de uma menina escravizada que vivia sob violência constante na casa de dona Inácia, ex - senhora de escravos do interior de São Paulo. Na página 92, nos deparamos com um texto que traz as condições que viviam os negros escravizados em embarcações rumo às colônias.

Apenas na página 200, vemos um texto que trata sobre a questão das identidades e da afirmação cultural, trazendo à tona a reverência à literatura africana.

C. *Linguagem e Interação*, de Faraco e Moura - Editora Ática (2012)



No volume I, do livro *Linguagem e Interação*, de Faraco e Moura e da Editora Ática, encontramos logo no início um conto de Mia Couto, escritor moçambicano.

No Volume II, o Navio Negreiro de Castro Alves que coloca os seus versos a favor da Abolição dos escravos e usa a palavra poética como uma ferramenta de delação.

No Volume III, apenas no último capítulo, na página 321, começamos a nossa análise, debruçando o nosso olhar sobre textos que discutem política, cotas para negros e então a inserção de amostras de literatura africana, logo à frente, na página 327. Esse volume mostra se bem envolvido com a proposta, pois temos uma discussão política logo no início e nos deparamos com o subtítulo, “Uma literatura Engajada”, o que é crítico e relevante para os jovens leitores que estarão com o seu olhar voltado para a forma que é apresentada a discussão sobre a produção literária feita em África.

Nesse capítulo, encontramos José Craveirinha, moçambicano com Grito Negro. Agostinho Neto, angolano, com Voz do Sangue, Luandino Vieira e Pepetela, também angolanos com A fronteira de asfalto e Mayombe. Temos também José Eduardo Agualusa, com o conto O vendedor de passados. Mia Couto que nos encanta com A princesa Russa. Da Guiné-Bissau, temos Carlos Semedo, Alda Espírito Santo.

Verificamos que de todos os volumes analisados o mais completo e que mais abrangeu o estudo voltado para a desconstrução do estereótipo que se tem sobre o negro

fosse feita foi o Volume III da Coleção Linguagem e Interação. É importante destacar que alguns desses volumes não fazem nem menção aos escritores africanos e inexistem fragmentos para ser lidos e reinterpretados.

V. Considerações

As coleções analisadas foram Novas Palavras, Vozes do Mundo e Linguagem e Interação. Das três coleções, as três deixam a desejar quanto a disposição dos autores e obras a serem estudadas à luz da descolonialidade e da desconstrução do estereótipo da subalternidade e periferia.

Os escritores afro-brasileiros que aparecem nas coleções também aparecem de forma reduzida, porém mesmo assim, com poucas reflexões ainda foi possível perceber na voz desses escritores que em algum momento ou eles falaram ou representaram parte dos momentos vividos por africanos ou por afro- descendentes.

Em obras como Navio Negreiro, poema escrito por Castro Alves e lido por ele mesmo em 7 de setembro de 1868, numa comemoração da Independência do Brasil é nítido o valor do engajamento desta literatura que podemos chamar de literatura engajada, ou seja, literatura que serve a uma causa, que expõe ficcionalmente fatos que foram um dia vividos, apontando os aspectos problemáticos da realidade em que vive o escritor, de forma a contribuir para que se produzam certas mudanças na sociedade da qual ele faz parte. Escritores como: Vasco Cabral, e o poema “*África! Ergue-te e Caminha*”; José Craveirinha, e o poema “*Grito Negro*”; Agostinho Neto, e o poema “*Voz do Sangue*”; Luandino Vieira, e o fragmento “*A Fronteira de asfalto*”, Pepetela, como é conhecido Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, e o fragmento “*A Missão*”; José Eduardo Agualusa, e o fragmento “*O Vendedor de Passados*”; Mia Couto, “*A Princesa Russa*”; Alda Espírito Santo, “*Lá no Água Grande, EM Torno da Minha Baía*”. Cada um desses escritores consegue com sua palavra descortinar um pouco de sua história, denunciando seu passado, mostrando suas riquezas e cultura, tão rica e importante quanto à do colonizador.

Fragmentos como esses citados trazem ricas descobertas do passado vivido por diversos grupos africanos e nos ajudam a entender que assim como todas as demais nações, os africanos também têm uma história e que esta história pode sim ser contada, pode ser ouvida e recontada por todos os séculos; uma vez que elas são asseguradas pela

arte literária, no caso a arte feita com a palavra toma como mote para suas reflexões partes da história que são consideradas negras, ou mesmo, a própria barbárie.

Sabemos que o período colonial foi um período de grandes descobertas, mas foi também um período de escuridão e dor para os Africanos como conseguimos visualizar a partir de alguns fragmentos encontrados nos livros e de inúmeros outros fragmentos.

Precisamos propor aos nossos docentes o ensino de forma a contemplar as contribuições promovidas pelo negro em nossa cultura, e, criteriosamente, enfatizar que tudo que a história nos mostra, aconteceu de fato, mas não porque o negro quis, mas porque foram forçados, foram obrigados, foram condicionados a uma vida inteira recruza e subjugada pelos seus ditos proprietários. Longe de sua terra de origem, sendo muitas vezes tratados como escórias da humanidade.

Podemos perceber que tudo que está apresentado nos livros didáticos de língua portuguesa, em relação à matriz Africana, é importante para que os alunos conheçam melhor esse povo e compreendam que um número muito grande de famílias brasileiras tem descendência direta com os africanos, devido à hibridização que ocorreu entre as raças, originando outras e outras, mas que não os fizeram menores ou inferiores.

Pelo livro didático, o professor uma vez capacitado pode proporcionar aos seus alunos um aprofundamento satisfatório no ensino dessa literatura, a qual por si só é deslumbrante.

Considerando que este professor é peça fundamental nesse processo e que o conhecimento se dá pela interação, como diz Vygotsky (1896 – 1934), então, o livro didático, o professor, os colegas de sala precisam caminhar juntos em um espaço colaborativo em que metodologias ativas e inovadoras sobre a literatura sejam empregadas a fim de ampliar o conhecimento sobre o negro.

Fragmentos como os que aparecem nos livros trazem ricas descobertas do passado vivido por diversos grupos africanos e nos ajudam a entender que assim como todas as demais nações, os africanos também têm uma história.

História que tem um início, que lhes é particular, tem um meio, que apresenta manchada por inúmeras ocorrências de fatos que contribuíram para que o continente mãe fosse tão desvalorizado. Além disso, deixado na subalternidade, seu povo, sua riqueza e sua cultura que foi saqueada e despejada à própria sorte em diversos cantos da terra. Tudo isto faz com que hoje tanto africanos como afro-descendentes e simpatizantes desejem que ela seja reconhecida, valorizada, para que um novo horizonte brilhe no continente mãe.

Há ainda muito a se fazer em relação à literatura Africana e os livros ainda não conseguem atender a riqueza e a imensidão desta literatura decorrente da Mãe África. O continente Africano não é grande apenas em extensão, mas sim em amostras de sua gente, de seu povo e de suas histórias a fim de transformar a visão que se tem para esta literatura em uma visão de si mesmo, como tão bem coloca Rildo Cosson, ao dizer que “proposta de letramento literário mostra o caminho que percorremos para fazer da literatura na escola aquilo que ela é também fora dela: uma experiência única de escrever e ler o mundo e a nós mesmos” (COSSON, 2011, p. 120).

Acreditamos que é essa visão que precisamos assumir frente a uma proposta desafiadora como a do ensino da história e das literaturas africanas nas escolas, pois esse tipo de trabalho, o letramento proposto por Cosson, dialoga com a proposta apresentada por Compagnon, que acredita na literatura como sendo libertadora não se atendo às complexidades da vida, podendo esta, sim, transpor as barreiras desenhadas pelo próprio homem. Para ele:

A literatura pode sim, tornar as pessoas mais sensíveis e melhores. A literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros - ela arruína a consciência limpa e a má fé (...) – ela, resiste à tolice não violentamente, mas de modo sutil obstinado. Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores (COMPAGNON, 2009, p. 50).

É esta sensibilidade a que se refere Compagnon que precisamos despertar em nossos alunos de forma que estes sejam capazes de se libertar de todo e qualquer preconceito instituído pelas convenções sociais vigentes. A literatura trabalhada a favor desta desconstrução do estereótipo em relação ao negro desempenha o seu papel social, que para Cosson é o mais importante e, através do qual, segundo Candido pode humanizar o homem. Essa humanização pode e deve ser feita de forma que a literatura respeite todas as produções que surgem no dia a dia, repensando o seu papel na escola. Colomer chama a atenção para esse fato e aponta que “é útil pensar a educação literária como uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipo e valor muito variáveis. A tarefa da escola é mostrar as portas de acesso. A decisão de atravessá-las e em que medida depende de cada indivíduo” (COLOMER, 2007, p. 68).

Referências

ABREU-TARDELLI, Lígia Santos; ODA, Lucas Sanches; CAMPOS, Maria Tereza Arruda; TOLEDO, Salete. *Português - Vozes do Mundo* – Volumes 1, 2 e 3 anos 2015, 2016 e 2017.

AMARAL, Emília; PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do; LEITE, Ricardo Sila; BARBOSA, Severino Antônio Moreira. *Língua Portuguesa – Novas Palavras* – Volumes 1, 2 e 3, anos 2013, 2014 e 2015.

BRASIL, LEI nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 20 de setembro de 1996. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003.

CANDIDO, Antônio. *A Literatura e a formação do homem*. In: DANTAS, Vinícius (Org). Textos de intervenção. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2002, p.77-82.

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995.

CEREJA, William Roberto & MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português – Linguagens*. 4.ed. rev. e. ampl. São Paulo: Atual, 2004. Volume 1 – 2 - 3 – Ensino Médio.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni, São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2011

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de; MARUXO JR, José Hamilton. *Língua portuguesa: Linguagem e Interação* – Volumes 1, 2 e 3, anos 2014, 2015 e 2016.

FERRO, Marc (ed.) (2003): *Le livre noir du colonialisme*, Robert Laffont, 840 páginas, ISBN 2-221-09254-6, ISBN 978-2-221-09254-5.

MATA, Inocência. *A literatura e a crítica pós-colonial reconversões*. São Paulo Nzila 2007.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura afro – brasileira*. Salvador: Centro de estudos Afro – Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *O papel da literatura na escola*. In: Via Atlântica. Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. José Nicolau Gregorin Filho e Maria Zilda da Cunha (Org.). FFLCH-USP: São Paulo, n.14, 2008, p. 11-22